



## Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2008

### ROMANCES

**Antonio Lobo Antunes**

***Eu hei-de amar uma pedra***

**Editora: Alfaguara /Objetiva**

Os anos de formação profissional em Lisboa, o exercício da psiquiatria na África em meio à guerra colonial, numa palavra, a matéria prima dos primeiros romances de António Lobo Antunes sobre o fascismo, encontram-se, hoje, expressos por meio de narrativas em que o interesse da história a ser contada progride não necessariamente pela sucessão das peripécias, mas sim por um apurado e radical rigor técnico em que a escrita é o maior acontecimento, o sujeito da ação e o objeto principal na trama. *Eu hei-de amar uma pedra*, 17º romance do Autor, é um exemplo extraordinário deste modo de narrar, a partir de um verso de canto alentejano. A história lá está legível – um homem idoso entretempos: um baú de fotos da cena familiar e o reencontro da mulher amada –, mas é através da arca onipresente e dum rio Tejo, que corre simultaneamente na Guiné, que Lobo Antunes levanta a pedra do passado e convida o leitor para uma revisitação à memória poética (pessoana), a uma viagem ao imaginário cultural português.

**António Lobo Antunes** nasceu em 1942, em Lisboa. Formado em medicina, com especialização em psiquiatria, serviu como tenente e médico do Exército português em Angola, nos últimos anos da guerra naquele país, entre 1970 e 1973. A vivência da guerra marcou profundamente seus três primeiros livros, *Memória de elefante*, *Os cus de Judas* e *Conhecimento do inferno*. Autor de uma obra vasta e premiada, de repercussão mundial, Lobo Antunes tem ainda entre seus romances de sucesso *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, *O manual dos inquisidores*, *Tratado das paixões da alma* e *Exortação aos crocodilos* (ganhador do Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, em 1999). Em 2007, recebeu o Prêmio Camões de literatura, com *Eu hei de amar uma pedra*, o maior reconhecimento dado a um autor de língua portuguesa vivo.

**Raimundo Carrero**

***O amor não tem bons sentimentos***

**Editora: Iluminuras**

O pernambucano Raimundo Carrero é um escritor que pratica a literatura como uma violenta, mas fértil, provocação. Um desafio intelectual, que dele exige perícia,



atenção e saber. Mas também um desafio existencial, impróprio aos acovardados e aos indiferentes, e que não se realiza sem algum heroísmo. Em *O amor não tem bons sentimentos*, Carrero trabalha com alguns dos mais selvagens e irrefreáveis afetos humanos. Elementos míticos, como a morte, a loucura e a cegueira, dão as cartas em um romance que se lê com desassossego, mas também com imensa avidez.

**Raimundo Carrero**, nasceu em 1947 em Salgueiro, no sertão pernambucano, fixando-se a partir da adolescência no Recife. Tornou-se jornalista em 1969, e em 1975 publicou, com prefácio de Ariano Suassuna, seu primeiro livro, *A História de Bernarda Soledade – A Tigre do Sertão*. Pelo romance *Somos Pedras que se Consomem* (1995) ganhou os prêmios Machado de Assis e APCA. E em 2000 recebeu o prêmio Jabuti pelo livro de contos *As Sombrias Ruínas da Alma* (1999). Publicou muitas obras como: *Ao redor do escorpião...Uma tarântula?*, *Sombra severa*, *As sombrias ruínas da alma*, *Somos pedras que se consomem*, *Senhor dos sonhos*, *Maça agreste* entre outras. Promove uma das oficinas literárias mais antigas do Brasil.

**Beatriz Bracher**

**Antônio**

**Editora: Editora 34**

Neste terceiro romance de Beatriz Bracher, Benjamim, o protagonista, na iminência de ser pai, descobre um segredo familiar e decide saber dos envolvidos como foi que tudo aconteceu. Três deles – a avó, Isabel; Haroldo, amigo de seu avô; e Raul, amigo de seu pai – lhe contarão suas versões dos fatos, e é recolhendo esses cacos de memórias alheias que Benjamim montará o quebra-cabeças da história de sua família. Narrativa polifônica, em que cada capítulo dá voz a um dos três narradores-personagens, é possível associá-la ao Faulkner de *Enquanto agonizo*, mas também ao Lúcio Cardoso de *Crônica da casa assassinada*.

**Beatriz Bracher** nasceu em São Paulo em 1961. Formada em Letras, foi uma das fundadoras da revista *34 Letras* e, posteriormente, da *Editora 34*, onde trabalhou de 1992 a 2000. Publicou os romances *Azul e dura* (7 Letras, 2002) e *Não falei* (Editora 34, 2004). Tem contos publicados em antologias e em revistas culturais. Em 1994 escreveu com Sérgio Bianchi o argumento do filme *Cronicamente inviável* e, mais recentemente, com o mesmo diretor, o roteiro de um longa-metragem inédito, ainda sem título.

**Julián Fucks**

**Histórias de Literatura e Cegueira**

**Editora: Record**

Biografias de três grandes autores: Borges, Cabral e Joyce. Recriando as histórias de vida, a linguagem e o estilo desses escritores, se tece como um “fingido”



texto de crítica literária, biografia, romance e ensaio. A cegueira é o fio condutor que desperta a consciência dos limites humanos de cada escritor e os leva a atitudes diferentes frente à existência e à literatura. Borges persegue labirintos e espelhos. Cabral, poeta dos versos substantivos, fecha-se e não mais escreve, mantendo, apenas, um olhar afiado e crítico em relação ao mundo. Joyce converte as sombras da cegueira em matéria de sonho e poesia. O labor poético e a dimensão filosófico-literária da obra de Julián Fuks dão a ela uma qualidade estética que a faz ultrapassar o caráter experimental de tese, inspirador de sua concepção.

**Julián Fuks** é paulistano e nasceu em 1981. Escritor e jornalista, é autor de *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu* (contos, 2004) e mestrando em literatura hispano-americana na Universidade de São Paulo. É colaborador de revistas literárias e foi repórter de literatura do jornal *Folha de S. Paulo*.

**Cristóvão Tezza**  
***O Filho eterno***  
**Editora :Record**

Cristóvão Tezza sempre associou o ato de escrever como uma forma de dar sentido à realidade. Sua trajetória literária começou muito cedo, quando ainda era adolescente, mas foi-lhe fundamental uma visão mais distanciada do país, sob jugo militar, quando viveu em Portugal logo após a Revolução dos Cravos. Ficcionista e professor universitário no Paraná, já publicou 13 títulos. O romance *O filho eterno*, onde a matéria biográfica é superiormente apreendida pelo ficcional, já foi traduzido para o italiano e estão no prelo as edições portuguesa, francesa e espanhola.

A história começa na sala de espera, entre um cigarro e outro, quando o protagonista está prestes a ter seu primeiro filho. Enquanto ainda tenta se acostumar com a novidade, descobre que seria pai de uma criança com síndrome de Down. O autor expõe nessa obra as dificuldades e as saborosas vitórias de criar um filho com síndrome de Down. Aproveita as questões que apareceram pelo caminho nestes 26 anos de seu filho Felipe para reordenar sua própria vida.

**Cristóvão Tezza** nasceu Santa Catarina, em 1952, mas vive em Curitiba. Considerado um dos mais importantes autores da literatura brasileira contemporânea, com mais de uma dezena de livros publicados, leciona na UFPR (Universidade Federal do Paraná). É autor de *Trapo, O fantasma da infância, Aventuras provisórias, Breve espaço entre cor e sombra* e *O fotógrafo*

**Bernardo Carvalho**  
***O sol se põe em São Paulo***  
**Editora: Companhia das Letras**



No Japão da Segunda Guerra, um triângulo amoroso envolve Michiyo, Jokichi e Masukichi - uma moça de boa família, um filho de industrial e um ator de kyogen, o teatro cômico japonês. À primeira vista, isso é tudo que Setsuko, a dona do restaurante japonês, tem a contar ao narrador de *O sol se põe em São Paulo*, novo romance de Bernardo Carvalho. Mas logo a trama se complica e se desdobra em outras mais, passadas e presentes, que desnorteiam o narrador involuntário, agora compelido a um verdadeiro trabalho de detetive para completar a história em que se viu enredado.

Pois o relato de Setsuko aponta para além do desejo, da humilhação e do ressentimento amorosos, e se vincula aos momentos mais terríveis da História contemporânea - tanto do Japão como do Brasil. Romance sem fronteiras, que une a Osaka de outrora à São Paulo de hoje, e esta à Tóquio do século XXI, o romance de Bernardo Carvalho entrelaça tempos e espaços que o leitor julgaria essencialmente separados - e nos quais a prosa de ficção brasileira não costuma se arriscar.

Caberá ao narrador de *O sol se põe em São Paulo* transitar de um pavilhão japonês no bairro do Paraíso a um cybercafé na Tóquio pós-moderna, das fazendas do interior de São Paulo aos campos de batalha da guerra no Pacífico. Tudo a fim de deslindar uma trama tortuosa, que envolve ainda um soldado raso, um primo do imperador e um escritor famoso (o romancista Junichiro Tanizaki) - também sua própria pessoa, sua própria identidade: pária ou escritor?

**Bernardo Carvalho**, nascido em 1960 no Rio de Janeiro, é escritor e jornalista. Foi editor do suplemento de ensaios *Folhetim* e correspondente, em Paris e em Nova York, da *Folha de S.Paulo* (jornal em que escreve uma coluna semanal sobre literatura). Seu primeiro livro foi a coletânea de contos *Aberração* de 1993. Ganhou com o romance *Mongólia* o prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte, edição 2003) e o com o romance *Nove Noites* o Prêmio Portugal Telecom 2003.

**Onjaki**

***Os da minha rua***

**Editora: Língua Geral**

Poeta, prosador e cineasta angolano, Ondjaki tem aproximadamente a idade de seu país. Apesar dos 30 anos, seus livros demonstram amadurecimento literário e grande capacidade criativa. Passado numa Luanda logo após a independência, *Os da minha rua* narra a trajetória da infância à adolescência de um garoto luandense após a independência, uma infância em que o sonho de construção de um novo país, repleto de utopia, se faz em meio às palavras de ordem. A melancolia percorre todos os textos, pontuando as perdas da vida do menino protagonista e marcando não apenas



a passagem da infância à adolescência mas, sobretudo, a passagem de uma jovem nação do sonho socialista ao pesadelo capitalista.

**Ondjaki** nasceu em Luanda, em 1977 é autor de romances, contos e poesia; Também escreve para cinema e co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda (“Oxalá cresçam Pitangas – histórias de Luanda”, 2006). É membro da União dos Escritores Angolanos. Alguns livros seus foram traduzidos para francês, espanhol, italiano, alemão, inglês e chinês. Publicou os livros: *Actu Sanguíneo* (poesia, 2000) , *Bom dia Camaradas* (romance, 2001), *Momentos de aqui* (contos, 2001), *O Assobiador* (novela, 2002), *Há prendisajens com o xão* (poesia, 2002), *Ynari: A Menina das cinco tranças* (infantil, 2004) , *Quantas madrugadas tem a noite* (romance, 2004), *E se amanhã o medo* (contos, 2005), *Os da minha rua* (contos, 2007), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (romance, 2008), *O leão e o coelho saltitão* (infantil, 2008) e *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (poesia, 2008).

## POESIA

**Nicolas Behr**

***Laranja seleta***

**Editora: Língua Geral**

Assim como milhões de brasileiros, Nicolas Behr engoliu Brasília e constroi sua poesia entre quadras, entre blocos, entre os habitantes de um país artificial. *Laranja seleta* traz versos naturais elaborados sobre números, versos líricos colhidos das paredes de concreto, versos solitários em busca de convivência.

O poeta Francisco Alvim diz que esse matogrossense que trocou o Mato Grosso por Brasília na adolescência “é uma espécie de sino que ressoa a realidade”, porque dono de “uma consciência perplexa, porém extremamente ativa e sensível”.

**Nicolas Behr** ( Nikolaus von Behr ) nasceu em Cuiabá - Mato Grosso, em 1958. Mora em Brasília desde 74. Em 1978, após lançar *Grande circular, caroço de goiaba e chá com porrada*, foi preso pelo DOPS por “ posse de material pornográfico”. Em 1982 criou, juntamente com Zunga e Lacerda, o MOVE – Movimento Ecológico de Brasília – primeira ONG ambientalista da capital federal. Em 1987 morou em Washington DC, EUA, vindo a trabalhar na FUNATURA – Fundação Pró-Natureza de 1988 a 1990. Voltou a publicar seus livros de poesia a partir de 1993, com *Porque construí Brasília*.

**Paulo Henriques Britto**

***A tarde***

**Editora: Companhia das Letras**



Paulo Henriques Britto faz da poesia seu tema por excelência em poemas onde a metalinguagem convive com o rigor compositivo. Em Tarde as formas canônicas de metrificação parecem sumir por baixo da fluência, da ironia e do humor presentes nos versos.

Poemas composto de versos que denotam uma reflexão meticulosa sobre o fazer poético, mas extraem força justamente da aceitação de que o conhecimento teórico não esgota as possibilidades de sentido. Entre as vertentes arcaizantes, defensoras das formas poéticas canônicas, e os adeptos do verso livre, Britto consegue uma rara conciliação: apesar de rimados e metrificados com minúcia, seus poemas são coloquiais e bem-humorados como na melhor tradição modernista.

**Paulo Henriques Britto** nasceu no Rio de Janeiro, em 1951. Professor e tradutor estrearam como poeta em 1982, com *Liturgia da matéria*. Em 1997 ganhou o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional, e em 2003 o prêmio Portugal Telecom de Literatura por *Macau (poesia, 2002)*. Já traduziu obras de Henry James, Elisabeth Bishop, Salman Rushdie, entre outros.

### **Marília Garcia**

#### ***20 poemas para seu walkman***

**Editoras: Cosac Naify e 7 Letras**

O livro *20 poemas para o seu walkman*, de Marília Garcia, passa por muitos lugares: Catalunha, Nova York, Paris, Berlim, um deserto no México, entre outros espaços planetários, em nenhum deles a autora circula como turista. Aliás, por tão anti-turístico, seu livro poderia ser classificado como um guia de como se perder nas cidades seguindo ruas que se entrecortam, seguindo vozes e indicações que se confundem, seguindo impulsos e sentimentos contraditórios.

**Marília Garcia** nasceu no Rio de Janeiro em 1979. Graduou-se em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tradutora, também integra o conselho da revista de poesia Inimigo Rumor, da editora 7Letras. Seu primeiro livro foi a reunião de pequenos textos *Encontro às cegas* (Editora Moby Dick, 2001).